

SOBREIROS QUEIMADOS: A RECUPERAÇÃO DAS ÁREAS ARDIDAS

COMEÇA PELA AVALIAÇÃO DOS DANOS

ANA REIS

Direcção-Geral das Florestas

Jornada sobre “As áreas de montado de sobro afectadas pelos incêndios florestais”

Grândola, 14 de Janeiro de 2004

SOBREIROS QUEIMADOS: A RECUPERAÇÃO DAS ÁREAS ARDIDAS COMEÇA PELA AVALIAÇÃO DOS DANOS

Ana Reis

Direcção-Geral das Florestas, Av. João Crisóstomo, 28, 1069-040 LISBOA

(E-mail: anareis@dgf.min-agricultura.pt)

Na sequência da vaga de incêndios que devastou o País no passado Verão e com o intuito de fornecer algumas indicações de carácter técnico aos Subericultores afectados, redigi, em Outubro passado, um desdobrável intitulado “Sobreiros queimados: o que fazer?”. Nele procurei responder, de forma simples, às seguintes questões:

- Os sobreiros queimados podem ser descortiçados?
- A partir do momento em que o descortiçamento se torna tecnicamente possível, há vantagem, para a Subericultor, em adiar a extracção da cortiça queimada?
- Ao contratar os tiradores e ao vender a cortiça, que cuidados deve o Subericultor ter para não danificar, irremediavelmente, os sobreiros com cortiça queimada?
- A cortiça queimada sofre desvalorização?
- Antes de vender a cortiça, há interesse em separar a muito queimada da pouco queimada?
- Como saber se um sobreiro ficou, irremediavelmente, afectado por um incêndio?
- O que fazer a sobreiros que foram, irremediavelmente, afectados por um incêndio?
- O que fazer de sobreiros que recuperaram do incêndio, mas que ficaram com ramos mortos?

- Há que ter cuidados especiais com a presença de gado em povoamentos de sobre atingidos por incêndio?

Não vou aqui repetir as respostas que dei no desdobrável. Limito-me, se me o permitem, a recomendar a sua leitura àqueles que ainda o não conhecem.

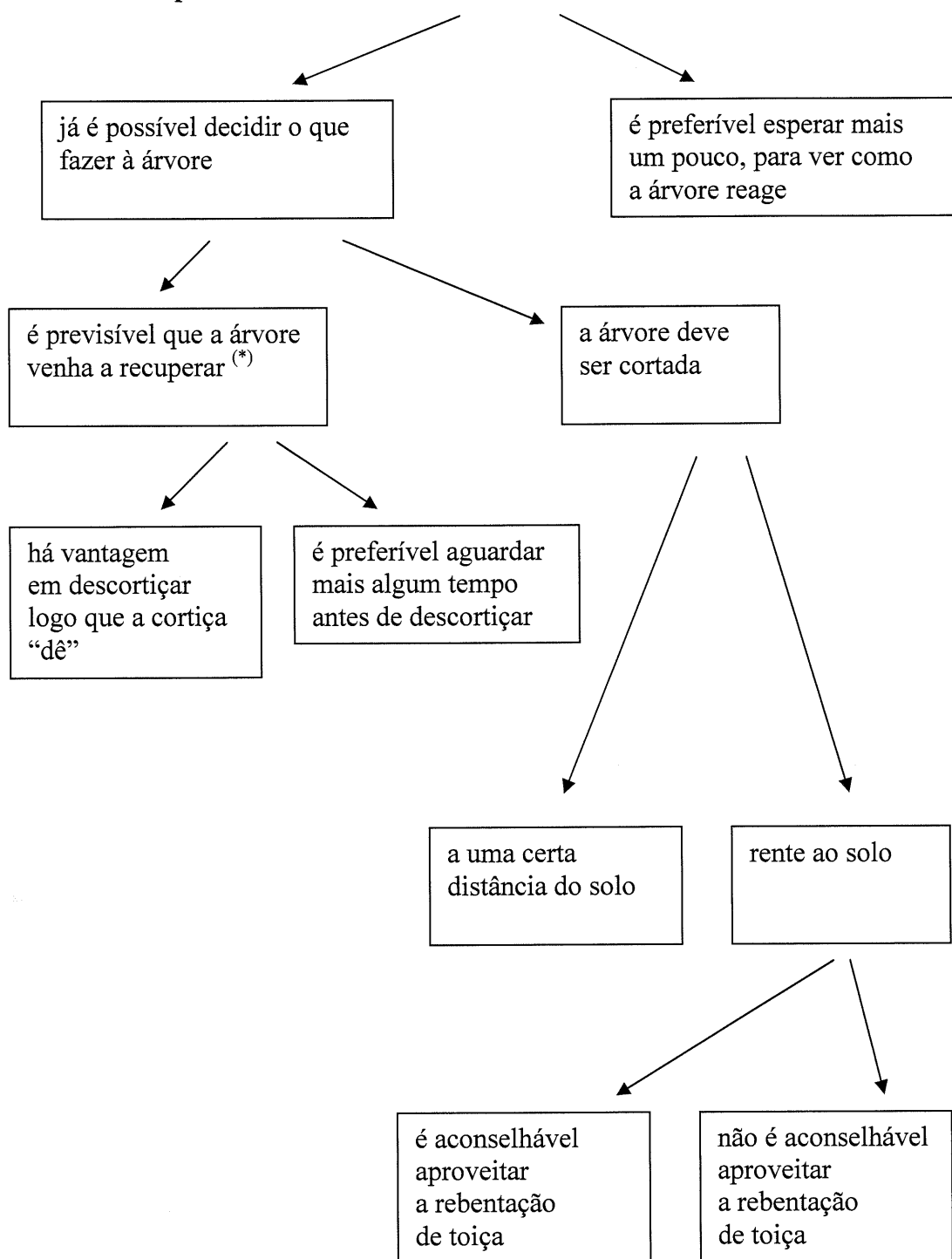
O que pretendo hoje fazer é chamar a atenção para a importância de se começarem, desde já, a recuperar as áreas ardidadas. Tal pressupõe uma avaliação cuidada dos danos que os incêndios provocaram no arvoredo.

Há quem defenda que é ainda muito cedo para fazer esta avaliação e que, antes da próxima Primavera, não é possível tirar conclusões. Não sou desta opinião: há danos que podem e devem ser já identificados e decisões que podem e devem ser urgentemente tomadas.

Logo à tarde, penso que iremos ter oportunidade de exemplificar um pouco o procedimento a adoptar para proceder à avaliação dos danos e verificar quais as conclusões que, da informação recolhida, se podem retirar. Mas gostaria desde já de adiantar que os principais aspectos que considero útil observar são os que constam da ficha em Anexo. Esta ficha foi estudada para ser preenchida “por árvore”, mas nada impede que seja utilizada para um “conjunto de árvores homogéneo em termos das suas características e dos danos infligidos pelo incêndio”.

A ficha que acabei de referir, depois de preenchida, permite a um técnico conhecedor retirar uma série de conclusões úteis para programar a recuperação do arvoredo, nomeadamente as que constam do esquema que se segue.

O preenchimento da ficha de avaliação permite concluir se:



(*) Esta recuperação pode ser incentivada pelo Subericultor (por exemplo, com fertilizações ou regas). Em árvores que se encontram em recuperação, é de evitar ao máximo cortar-lhes ramos vivos.

Observação: Em povoamentos percorridos por incêndio: não se devem praticar mobilizações profundas; há que ter especial cuidado com a presença de animais; se existirem elevados riscos de erosão, é importante tomar medidas no sentido de os contrariar.

Como disse de início, considero muito importante iniciar-se, desde já, a avaliação dos danos que os incêndios provocaram no arvoredo, no sentido de se programar a sua recuperação.

A urgência desta avaliação é particularmente grande:

- nas bermas das estradas e em outros locais onde a queda de arvoredo possa pôr em risco vidas humanas;
- em zonas fortemente atingidas por incêndio, onde predominem sobreiros com:
 - menos de 90 cm de CAP, os quais, à data do flagelo, tinham a revesti-los cortiça de reprodução com idade menor ou igual a 3 anos;
 - menos de 50 cm de CAP

(é que muitos dos sobreiros existentes nestas zonas devem ter ficado “irremediavelmente afectados”, sendo aconselhável cortá-los antes do fim do próximo mês de Março, para não se reduzirem as probabilidades de rebentarem; para os sobreiros “irremediavelmente afectados” com CAP entre 10 e 50 cm, é de ponderar a hipótese de os cortar a uma certa distância do solo, para mais rápido poderem ser desboiados).

LEITURAS RECOMENDADAS

REIS, Ana – *Sobreiros queimados: o que fazer?* Lisboa: Direcção-Geral das Florestas, 2003.

PINTUS, Agostino – *La régénération des suberaies parcourues par les incendies.*

[Tempio Pausania]: [Stazione Sperimentale del Sughero], 2003.

ANEXO

Ficha para avaliação, em sobreiro, dos danos provocados por incêndio^(*)

Mês/Ano em que o incêndio ocorreu: .. / 20..

Data de preenchimento da ficha: .. / .. / 20..

- O incêndio provocou danos na base do fuste ou ao longo deste, os quais reduziram sensivelmente a sua secção?

Sim Não

- A árvore já tinha sido, alguma vez, descortiçada?

Sim Não

- Se sim, quando o incêndio ocorreu a árvore possuía cortiça de reprodução com idade de:

0, 1, 2 ou 3 anos 4, 5 ou 6 anos

7 ou 8 anos 9 ou mais anos

- A árvore tem CAP:

< 10 cm [10 –50 cm[[50 –90 cm[

[90 –130 cm[≥130 cm

- Após o incêndio, a maior parte da cortiça da zona produtiva da árvore ficou:

Só chamuscada Nitidamente queimada

- Observa-se, na parte exterior da zona produtiva da árvore, um número significativo de “bolhas” ou outros indícios de o entrecasco ter sido seriamente afectado?

Sim Não

^(*) Esta ficha foi estudada para ser preenchida “por árvore”, mas nada impede que seja utilizada para um “conjunto de árvores homogéneo em termos das suas características e dos danos infligidos pelo incêndio”.

- Após o incêndio, a copa ficou:

Inalterada

Afectada, mas com as folhas aderentes em, pelo menos, 50% da copa

Afectada e despida de folhas em 50-75% da copa

Afectada e despida de folhas em 75%-100% da copa

- Depois do incêndio, a árvore produziu:

– folhas novas? Sim Não

– ramos ao longo do fuste? Sim Não

– ramos na base do fuste? Sim Não

- A árvore aparenta ser proveniente de rebentação de toiça ou de raiz?

Sim Não

- Aparentemente, as condições sanitárias e vegetativas em que a árvore se encontrava antes do incêndio eram:

Boas Médias Más